

# O BULLYING NO SISTEMA EDUCACIONAL E SEU MOVIMENTO EXCLUDENTE



## ELISANGELA MENEZES

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Unisant'anna (2012); Especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade São Luís (2020); Professora de Educação Infantil - no CEU CEI São Mateus.

## RESUMO

O presente projeto abordará as definições de bullying, as responsabilidades com relação à prática do mesmo pela administração escolar e pela família. O artigo também abordará a reação e as consequências para a vítima e qual as providências para a punição do agressor e os efeitos que podem causar no futuro das crianças que foram vítimas de bullying. A execução do trabalho se dará por meio de pesquisas que foram realizadas em livros publicados por especialistas na linha de estudo do assunto, assim como em artigos da internet de fontes confiáveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Bullying; Escola; Violência.

## INTRODUÇÃO

É encontrada muita discriminação quando se busca inserir a inclusão destes alunos, diante de tanto preconceito que se encontra na sociedade. Infelizmente os alunos com necessidades educacionais especiais estão mercê de sofrerem com as práticas de bullying dentro da escola, dispondo de diversos tipos de violência pessoal e social. Contraditoriamente verificasse que o fenômeno acontece tanto na escola particular, municipal ou estadual, em famílias de diferentes níveis sociais e econômicos e não se tem estudos que apontam uma determinada idade para começar e muito menos para terminar. Muitas vezes, professores não sabem como agir, por falta de informações e capacitações, recorrendo a seus superiores.

Muitas vezes percebemos conversas entre pessoas ou em redes sociais que dizem que antigamente não existia bullying, pessoas que dizem que o bullying é mimimi. Ainda é possível ler que os jovens de hoje não aguentam uma brincadeira. Não seria surpresa perceber que a pessoa que fala desta forma tenha sido o autor de bullying contra seus colegas de escola no passado

O bullying na escola não é um fenômeno novo, ele tem uma longa história, praticamente nasceu com a escola, esta forma de tratar erroneamente e de forma inconveniente os colegas é muito antiga, acreditava-se que este tratamento se alteraria drasticamente após o brincação atingir a maturidade, que todos seriam adultos e as brincadeiras cessariam.

Atualmente, a sociedade está inserida num meio no qual a violência vem se destacando. Assim, nossa sociedade vive rodeada de incertezas, falta de valores e limites. Uma dessas incertezas é o que tem sido denominado bullying. Assim, falar sobre o bullying neste trabalho tem como finalidade sensibilizar o educador e favorecer a reflexão a respeito desse tipo de violência. O bullying se tornou um tema em evidência no âmbito escolar devido às formas de violência utilizadas que, com ou sem motivação entre as relações interpessoais, causam dor e angústia e deixam graves consequências psicológicas.

A instituição escola tem tentado resolver ou minimizar os fenômenos que se apresentam, intermediando os conflitos entre os pais, responsáveis e professores sem, no entanto, obter o êxito que deseja quanto à gravidade dessa situação. O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é conhecer o fenômeno Bullying, analisando as características que ele possui no ambiente escolar, o que influencia o comportamento dos alunos com deficiências, de uma forma geral, no modo como eles se relacionam com os seus pares. Também considero que os atores da escola estão com dificuldades para lidar com as situações que se apresentam e o surgimento deste no ambiente escolar aparentemente vem agravando no cotidiano da escola.

Analisando o comportamento das crianças é possível perceber que algumas delas futuramente poderão desenvolver atitudes que as levará a praticar ou serem vítimas do bullying. É necessário seguir refletindo sobre este assunto: o que cabe ao professor fazer quando presencia atos com essas características? Que atitudes devem ser tomadas? Quem as deve tomar: os professores, a direção ou o coordenador? Vivemos um momento difícil em que a escola que tem como função essencial o educar, deveria ser um lugar seguro. No entanto, tornou-se um espaço também para a prática de pequenas violências, adicionado mais um problema ao sistema educacional, que tem uma herança de sistema tradicional, autoritário, que se preocupa com o combate da violência explícita, ficando em segundo plano a psicológica e outras formas

O bullying na educação especial não fica longe desses fatos, com pouco conhecimento e falta de informações sobre o assunto, mesmo porque, há dificuldade de identificação de tal violência com alunos deficientes dentro e fora da escola.

## **A FORÇA DO BULLYING EDUCACIONAL**

Esta agressão é intencional, repetida diariamente e muitas vezes, e tenta desqualificar a vítima por meio de constrangimentos. Na maioria das vezes o constrangimento é causado por se apontar características físicas, problemas motores e de aprendizado da vítima, também podem ocorrer por meio do racismo.

tradução ainda no Brasil, é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas. Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. (Cartilha Bullying p.6)

Bullying é um termo que tem origem na palavra inglesa bully que significa valentão, brigão ou também aquele que se utiliza de sua superioridade física para intimidar alguém. O termo se refere aos gestos e ou palavras que agridem ou intimidem outras pessoas. Os que intimidam outros de forma verbal, física ou psicológica são chamados de bullies, os agressores sentem prazer em humilhar suas vítimas e os ataques acontecem sem nenhum motivo aparente.

A violência é um fenômeno que se propaga na sociedade como um todo, um dos meios de propagação letal desse fenômeno está a escola. Em maior ou menor grau, a violência é fruto do cotidiano escolar e acompanha crianças e adolescentes interferindo em sua aprendizagem e comportamento. Contudo a análise da violência escolar não pode ser feita de maneira isolada, ela é parte de um grande processo, que vai além dos muros escolares, abrangendo fatores que envolvem todo o contexto social. Assim como na sociedade, as causas da violência no âmbito escolar são múltiplas e complexas.

Sobre o exposto Mota e Santos (2016, p.3) afirmam que para entender o fenômeno da violência nas escolas, devem-se considerar fatores externos e internos ligados às instituições de ensino. E que as escolas reproduzem a violência vivida em sociedade, o espaço que deveria ser de aprendizagem e conhecimento, torna-se, cada vez mais, a proliferação de atitudes violentas em diferentes níveis.

Onde nasce a violência escolar? A quem diga que as causas para a violência que ocorre nas escolas venham da desmotivação de alunos e professores, da ineficácia do sistema educacional, da falta de projetos pedagógicos efetivos, das relações familiares instáveis etc. A violência escolar pode também ser fruto da ausência de valores, de limites, de regras de convivência, do recebimento de punição através de violência ou intimidação, levando à criança a resolver seus problemas e dificuldades através de violência, da reprodução da violência vivida no seio familiar.

Mota e Santos assinalam que:

No espaço familiar quase não se impõe limites em crianças e jovens. Com a liberdade de satisfazer suas próprias vontades sem qualquer orientação de boa conduta, o público jovem acaba sendo espelho do próprio ambiente de origem, quase sempre fazendo parte de uma rotina em que se desconhece que a educação começa em casa. A ausência do acompanhamento da família é um fator agravante. (MOTA E SANTOS, 2016, p. 3).

Em seu artigo 18, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), diz que é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desuma-

relacionados às medidas pedagógicas reeducativas previstas no regimento escolar devem ser revisitos, observando o atendimento à integridade e à dignidade da criança e do adolescente, assim como preceitua o artigo 222 da Constituição Federal, "colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão".

A mídia tem papel determinante no fenômeno da violência, como dito no início da dissertação, a partir do momento em que os meios de comunicação vendem a violência de maneira gratuita, contribui para a proliferação dela na vida de crianças e adolescentes que a compreendem como uma forma natural de agir em sociedade. Sobre isso Mota e Santos afirmam que:

Além de influenciar comportamentos, esses meios contribuem concretamente para a construção da identidade desse público. Tendo em vista que os pais geralmente não se preocupam em controlar os conteúdos a serem vistos na TV, internet e outros meios, essas crianças e jovens não têm sequer na família modelos positivos para se espelhar. (MOTA E SANTOS, 2016, p. 4).

Diante de tantas possibilidades para a proliferação da violência no âmbito escolar o papel do professor é de suma importância. E tal função torna-se prejudicada quando o valor necessário a esse profissional, responsável pela formação de pessoas, é tão deficitário.

No contexto de diferentes formas de violência dentro das escolas, talvez o mais latente seja o bullying. O termo em inglês originário de "bully" que significa tirano, brigão ou valentão, e que não possui correspondente em português, diz respeito às práticas de atos de violência intencionais e repetidos que causam danos físicos e psicológicos às vítimas, quase sempre a intenção é intimidar e ridicularizar uma pessoa tida como mais fraca e indefesa em relação ao agressor.

Segundo Olweus e Limber (2010, p. 125), "bullying se refere a comportamentos de uma ou mais pessoas intencionais, negativos e repetidos contra outra pessoa que não é capaz de defender se". Os autores indicam haver uma desigualdade de poder entre vítima e agressor, e destacam que também que se utiliza a expressão "abuso entre pares", diferenciando o fenômeno de maus tratos infantis e violência intrafamiliar.

O bullying tornou-se um fenômeno quase que inerente ao ambiente escolar, praticamente todas as escolas brasileiras já enfrentaram ou enfrentarão situações envolvendo essa prática.

O governo norueguês atentou seu olhar para essa violência institucional apenas após o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, que provavelmente foi influenciado por atos de maus tratos dos colegas. A partir desse fato, a autoridade norueguesa, pressionada pela população, realizou em escala nacional a Campanha Anti-Bullying nas escolas em 1993. (QUINTANILHA, 2011, p. 37).

No Brasil o termo bullying passou a ser compreendido como prática de comportamento violento na década de 90, conforme informa o Relatório de Pesquisa "Bullying escolar no Brasil", seguindo a linha de pesquisas levadas a efeito por Cléo Fante, nos seguintes termos:

É também na década de 1990 que um novo conceito passa a ser considerado no campo de estudos sobre a violência entre pares: o bullying. Para fins deste estudo, o bullying é definido como atitudes agressivas de todas as formas, praticadas intencional e repetidamente, que ocorrem sem

gústia, e são executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima. (PLAN BRASIL, 2010, pág. 4).

Da mesma forma, no que diz respeito à utilização exata da noção do termo bullying, aqui no Brasil ainda é muito confuso e desconhecido pela maioria da população, segundo o relatório citado no parágrafo anterior, pois:

A utilização do conceito apresenta algumas fragilidades. O próprio termo bullying causa estranhamento nos ambientes acadêmico e escolar, por se tratar de uma importação pouco adaptada às questões próprias da violência no ambiente escolar brasileiro. Como resultado, o bullying ainda não se encontra diferenciado no fenômeno geral de violência entre pares, e os critérios que tecnicamente o destacam, que se referem à repetição do ato à falta de motivação evidente, são de difícil aferição objetiva. Nesse sentido, sua operacionalização conceitual exigiria uma consistência ainda não atingida. Por essa razão, o termo, que não tem correlato em português, é utilizado muitas vezes de modo equivocado, referindo-se a episódios de conflitos interpessoais entre estudantes, os quais não se caracterizam pelos critérios indicados. (PLAN BRASIL, 2010, p. 5).

Segundo Quintanilha (2011, p.38) “faz-se importante destacar que para ser caracterizado como bullying é necessário ser um ato repetitivo. Percebemos falas cotidianas denominando atos “normais” entre crianças e adolescentes como bullying”.

Sobre isso Beane (2010) afirma que:

É importante que você saiba diferenciar o bullying de um conflito normal. Alguns tipos de conflitos são parte da vida. Nem todo o conflito necessariamente fere, e lidar com essas situações pode ajudar o seu filho para a vida de maneira positiva. Portanto, não se precipite quando observar conflito entre seu filho e as outras crianças. (BEANE, 2010, p.17).

As escolas, de maneira geral, parecem colocar o assunto bullying em pauta de maneira genérica, sem planejamento. É necessária a criação de uma consciência pedagógica no sentido de imaginar que não é possível tratar o bullying como fenômeno social de violência gratuita sem pensar a construção de um projeto político pedagógico que aja em consonância com essa problemática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escola, como espaço educativo e cheio de possibilidades para o desenvolvimento intelectual e social dos indivíduos humanos, muito embora reproduza os mais variados aspectos da sociedade, inclusive a violência, tem o dever de, se necessário, se reinventar, enquanto espaço do saber. Não é admissível, que ainda hoje, face a todas as comodidades tecnológicas e acesso a toda gama de informações, seja nesse espaço que crianças e adolescentes sejam cruelmente aniquilados enquanto indivíduos; tenham sua individualidade reprimida e violentada da maneira mais covarde, isso pois são seus pares os algozes de todo esse mal. E o espaço onde elas poderiam ser o que quisessem e que deveriam proteger-las, acaba se tornando palco de tais atrocidades, cujas consequências

as acompanham por toda a vida.

O fato é que a violência nas escolas tem se tornado um caso de polícia e como os valentões não estão sendo advertidos e nem punidos, estão sentindo a falda falsa impressão de que estão agindo de forma correta.

A repetição de atos de violência física, verbal e psicológica vem causando mais angústia nos jovens e por consequência mais casos de suicídio tornando-se um caso de saúde pública.

As práticas da violência existem desde a antiguidade e chega atualmente tomando as mais variadas formas. Ela está em tudo, na televisão, nas rodas de conversa, nas brincadeiras das crianças, na internet, dentro das escolas, criando nesse espaço, talvez uma de suas formas mais covardes, através do bullying, o objeto de discussão desse artigo.

Enfim, é preciso tomar os bons exemplos, como os citados neste artigo, e traçar um plano, uma meta nas escolas, com o intuito de educar para a paz, nunca foi tão necessário esse tipo de educação, haja vista, no ano de 2018 criou-se uma legislação específica de promoção da cultura de paz e não violência nas escolas, com o objetivo de prevenir, refletir e agir no combate a todo e qualquer tipo de violência no âmbito escolar. Segundo estatísticas abordadas nesse artigo, o Brasil não está no topo dos países em que mais os jovens sofrem com bullying, ainda assim, quase 20% das crianças brasileiras padecem com essa prática, esse percentual pode e dever ser zero. Na maioria das vezes as ações são simples, basta que a tríade escola-família-sociedade abrace a causa, pois como dissera Paulo Freire: “De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes, aprendi, sobretudo, que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica lutar por ela”.

## REFERÊNCIAS

BEANE, Allan. **Proteja seu filho do bullying: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles**. Tradução: Débora Guimarães Isidoro, Rio de Janeiro, RJ: Ed. BestSeller, 2010.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social – Brasília: MEC, ACS, 2005.

ESTARQUE, Marina. **Projeto em escolas de São Paulo forma estudantes para combater bullying**.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz**.

LIMBER, S. P., & Olweus, D. (2010). **Bullying in School: Evaluation and Dissemination of the Olweus Bullying Prevention Program**. American Journal of Orthopsychiatry, 80, 124-134.

MOTA Jesus, Kallyne; SANTOS Soares, Ligia Michelle. **Violência nas escolas: propostas pedagógicas por uma cultura de paz**. Fslf, 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc18.pdf>.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

PEREZ, Fabíola. **As escolas que venceram o bullying**.

PLITT, Laura. **O bem-sucedido projeto anti-bullying que a Finlândia está exportando à América Latina**.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.